



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**

**THAYLANE AZEVEDO DOS SANTOS NASCIMENTO**

**A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE MONTEIRO LOBATO: UMA ANÁLISE SOBRE  
AS REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA OBRA REINAÇÕES DE NARIZINHO  
(1920-1930)**

**UEFS**

**Feira de Santana/BA**

**2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**

Thaylane Azevedo dos Santos Nascimento

Trabalho contemplado na modalidade de artigo científico, apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação da Professora D<sup>a</sup> Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa.

# A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE MONTEIRO LOBATO: UMA ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA OBRA REINAÇÕES DE NARIZINHO

(1920-1930)

Thaylane Azevedo dos Santos Nascimento<sup>1</sup>

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca localizar o escritor Monteiro Lobato e sua atuação no campo literário, dentro do cenário nacional nas primeiras décadas do século XX, para discutir e analisar as diferentes formas de representações da infância na obra *Reinações de Narizinho*, escrita e publicada por Lobato entre os anos de 1920 e 1930. A participação ativa do escritor na imprensa e sua trajetória no mercado editorial brasileiro e na produção de uma literatura voltada para o público infanto-juvenil constituem elementos de extrema importância nesse estudo. Sendo assim, é imprescindível identificar o lugar de fala deste autor, em qual contexto social, econômico e cultural ele está inserido. Palavras-chave: Monteiro Lobato; Livros; Literatura infantil; Infância; Representações

**Abstract:** The present work seeks to locate the writer Monteiro Lobato and his work in the literary field, within the national scene in the first decades of the twentieth century, to discuss and analyze the different forms of representations of childhood in the work *Reinações de Narizinho*, written and published by Lobato between the 1920s and 1930s. The active participation of the writer in the press and his trajectory in the Brazilian publishing market and in the production of a literature aimed at the child and adolescent public constitute elements of extreme importance in this study. Thus, it is essential to identify the place of speech of this author, in which social, economic and cultural context he is inserted.

Keywords: Monteiro Lobato; Books; Children's literature; Childhood; Representation

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS/BA; thaynascimento91@gmail.com; lattes \* <http://lattes.cnpq.br/8897270206065897>.

<sup>2</sup> Orientadora, Profª. Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia - UFBA/BA; andrearocha66@hotmail.com; lattes \* <http://lattes.cnpq.br/8435059295729972>.

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo central analisar as concepções de um ideal de infância brasileira, a partir de representações na obra literária infantil do escritor Monteiro Lobato, especificamente o volume *Reinações de Narizinho*, escrito e publicado entre os anos de 1920 e 1930. Ao mesmo tempo em que procura investigar a trajetória literária do escritor, perpassando pelo contexto histórico e sociocultural, no qual o autor e sua obra se inserem. E a escolha do recorte temporal se deu pelo fato de que, é a partir desse período que Monteiro Lobato, já reconhecido pelas suas obras de literatura adulta, resolveu se dedicar a escrever para crianças. Segmento que o consagrou como grande representante da literatura infanto-juvenil brasileira.

A história da literatura infantil está diretamente ligada às transformações que ocorreram em uma sociedade, bem como nas concepções do que é ser criança. Segundo Kramer (2007), as visões sobre a infância são construídas social e historicamente. A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Em sua obra pioneira, o historiador francês Phillippe Ariès (1981), analisa que nas antigas sociedades europeias, a socialização da criança relacionava-se diretamente na convivência com os adultos:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era misturada logo aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. [...] A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. (ARIÈS, 1981, p. 10)

Desse modo, assim como os trabalhos acima, compreendemos que a infância, mais do que determinada pela idade e desenvolvimento biológico, é uma construção histórica e cultural. Com o advento da industrialização na Europa e a ascensão da burguesia como nova classe dominante, aos poucos, a criança vai se distanciando do mundo adulto, devido ao

processo de escolarização. Que segundo Ariès, é o surgimento do “sentimento moderno de infância”. Uma das formas de acesso a uma matriz discursiva sobre infância é a literatura. Em seu estudo sobre o uso da literatura como fonte para a história da infância, Gouveia (2007) nos alerta que:

Trabalhar com textos literários significar ter sempre em mente a originalidade desta produção discursiva. A análise do texto literário na investigação histórica remete-nos inicialmente a interrogarmo-nos sobre as estratégias e limites de sua interpretação. A matéria prima do texto literário são os signos, e é na fluidez e no deslizamento característicos da produção semiótica que essa escrita se localiza e se locomove. (GOUVEIA , 2007, p. 23)

Nesse sentido, trabalhar com o texto literário e a análise das representações contidas no mesmo se constitui um elemento fundamental para este estudo. Torna-se imprescindível conhecer e entender o contexto em que o sujeito criança está inserido, e de igual modo, daqueles que, dentro deste segmento do campo literário, produziram discursos que tentaram definir historicamente o que é ser criança. As fontes utilizadas para esta pesquisa se constituem de livros biográficos sobre o autor, dentre eles: *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* (2000). Foram utilizados também, fragmentos das cartas escritas por Monteiro Lobato, reunidas no livro *A barca de Gleyre* (2010), que registram mais de quarenta anos de correspondências entre o escritor e o seu grande amigo, Godofredo Rangel. Para análise sobre a infância foi utilizado a 11ª edição do Volume *Reinações de Narizinho* (1962).

Para sustentar a investigação, este estudo tem como referencial as perspectivas teóricas do historiador francês Roger Chartier sobre representação e apropriação. Este historiador é um dos expoentes da chamada Nova História Cultural. Abordagem que trouxe enquanto proposta de trabalho, o resgate de fontes e de sujeitos habitualmente desconsideradas pela história tradicional. De acordo com Chartier (1987, p. 17), “as representações da sociedade são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam, levando em consideração a posição de quem os utiliza, sendo as percepções do mundo social sempre carregadas de uma intencionalidade”.

Nessa perspectiva, busca-se compreender as representações elaboradas sobre infância na obra de Monteiro Lobato, representações estas que estão articuladas com um pensamento de um determinado grupo e de um determinado estrato social. Portanto, num primeiro momento, este trabalho traça uma breve abordagem da trajetória de Monteiro Lobato, sua

atuação no mercado editorial, enquanto intelectual, escritor, empresário e editor, para em seguida, analisar os elementos que o fizeram criar um estilo próprio na produção de literatura infanto-juvenil. E, desta forma, propondo representações acerca da infância na sua obra, que é o objeto principal deste estudo.

### **Um escritor revolucionário: o perfil literário de Monteiro Lobato nas primeiras décadas do século XX**

Considerado um dos mais expoentes nomes da literatura infanto-juvenil brasileira, criador do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, Monteiro Lobato foi uma figura bastante emblemática e ativa no país, nas primeiras décadas do século XX. Além de escritor, foi também pioneiro na indústria do mercado editorial, cuja circulação e recepção do livro ainda encontrava-se bastante limitada à época. De acordo com Passiani (2002, p. 249), Lobato possuía uma “literatura militante”, que apontava para seus leitores os problemas do país e os convidava para a ação. Isto porque, tanto na literatura adulta quanto na sua obra infantil, ele apresentava suas inquietações e críticas em relação às estruturas sociais e políticas que regiam o país. Ainda segundo Passiani, o escritor entendia que o papel social do intelectual seria justamente o de: “Produzir conhecimento e torná-lo acessível a um público sempre maior. O público aparece como potencialidade do texto lobatiano e não como mero receptor passivo da informação”. Nesse sentido, além de propor uma reflexão social de maneira criativa, sua obra também se destinava a uma maior fruição do leitor, bem como estimular sua capacidade interpretativa.

De acordo com Carmem Lúcia Azevedo, uma das organizadoras do livro biográfico *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia (2000)*, o escritor nascera em 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato. Foi registrado como José Renato Monteiro Lobato, alterando posteriormente seu segundo nome, por querer usar a bengala do pai, onde estariam gravadas as iniciais J.B.M.L, passando então a se chamar José Bento.

Segundo Artur Neves (1948), assim como os filhos de grandes famílias tradicionais da época, dos “Barões do Café”, Lobato - que era neto de José Francisco Alves Monteiro, o Visconde de Tremembé - teve uma educação totalmente orientada nos moldes clássicos, mais

literária do que científica. Alfabetizou-se em casa, teve aulas com um professor particular e frequentou escolas da região, dentre elas o Colégio Paulista. Embora pretendesse se matricular na Escola de Belas Artes, por imposição do avô materno, que assumira sua tutela após a morte dos pais, acabou entrando para a Academia de Direito em São Paulo. Registra Azevedo (2000), que Lobato entra na faculdade com dezoito anos incompletos, período que acompanha a virada de um século para outro:

A maioria cronológica de Monteiro Lobato coincide com a virada para o século XX, inaugurando época de caótica eferescência, criativa e desafiadora. [...] Poucos apostariam no rapazola aparentemente tímido e inseguro que, na viagem em direção à sua vida de estudante de Direito, trouxera consigo muitas lembranças da infância impregnada do cheiro da terra, intensa vocação literária e um desejo quase incontrolável de se dedicar às artes plásticas. Sem se dar conta, ele já sofria de um inconformismo crônico, responsável pela renitente mania de querer mudar o mundo. (AZEVEDO et al, 2000, p. 16)

A atitude do avô de Lobato pode ser explicada pela importância e o status que a profissão conferia, pois, conforme a autora, o Brasil daquele período era definido por alguns como o “país dos bacharéis”. Um diploma de médico, engenheiro ou advogado, significava garantia de acesso às esferas institucionais da República. “Tínhamos doutores em dentaduras, doutores em engenharias. E academias sobre academias se fundam cá e lá, de Comércio, de Letras, de Poucas Letras, de Nenhuma Letras, de Costuras”, (LOBATO, op. cit, AZEVEDO et al, 2000, p. 15) teria ironizado o próprio Lobato.

Já advogado formado, retornou para Taubaté, onde foi nomeado para o cargo de promotor público na Comarca de Areias. Porém, continuou a fazer colaborações na imprensa, escrevendo para jornais locais. Contudo, a morte do Visconde de Tremembé fez com que a vida de Lobato tomasse um novo rumo. Ele se mudou para a Fazenda São José do Buquira, que era parte da herança deixada pelo avô. Em vista da necessidade de cuidar dos negócios da fazenda, seu tempo de dedicação ao trabalho literário foi diminuído. Lobato parecia prever o futuro que o aguardava, pois pouco antes de se formar, escreveu ao amigo Godofredo Rangel sobre o desejo de tornar-se fazendeiro:

02 de junho de 1904

Estou prestes a fechar meu curso. Entro na “vida prática” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milhos e porcos e te dê a receita para acabar com o piolho das galinhas. (LOBATO, 2010, p 33)

Por este fragmento podemos inferir que Monteiro Lobato parecia se conformar que sua atividade de escritor seria apenas um “passatempo”, enquanto cuidaria de administrar as terras da família. Todavia, sua experiência como fazendeiro não sairia da maneira como esperava. Instalado na fazenda ele se depara com a prática das queimadas, responsáveis pela degradação e esterilidade do solo:

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho de terra, peculiar do solo brasileiro [...]. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias, seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente [...]. Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização. (LOBATO, 2010, p. 161)

Lobato, compartilhando o paradigma iluminista de civilização e progresso, classificou o caboclo como um ser primitivo, incivilizado: “À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugiando em silêncio (...) a sempre conserva-se fronteiroço, mudo e sorna (preguiçoso)”. (ibidem). Somados esses fatores e a insatisfação com os negócios da fazenda, concomitantemente à crise econômica do país, que se agravava em decorrência da I Guerra Mundial de 1914, Lobato escreveu um artigo intitulado “*Velha praga*” e o enviou para a seção de “Queixas e reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo*. A matéria é estampada com destaque em 12 de novembro de 1914 e alcançou grande repercussão, fixando na sua obra o personagem símbolo Jeca Tatu, representação do homem caipira. Inicia o artigo ironizando o fato de haver uma consternação nacional em decorrência da guerra na Europa, ao mesmo tempo em que agiam com indiferença às mazelas brasileiras:

Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos *vons* alemães, que não sobram olhos para enxergar os males caseiros. Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade, que se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico. (ibid, p. 159)

De acordo com Passiani (2002), ao trazer em seus contos temas como a crise da economia e a questão agrária, Lobato alcançou sucesso e repercussão devido a uma mistura do seu talento como escritor e o sentimento de revolta contra os problemas nacionais, compartilhado também por uma determinada parcela da sociedade:



A vida como fazendeiro acabou por trazer ressonância literária mais ou menos inesperada. Mais ou menos porque a reação de Lobato, travestida sob a forma do Jeca Tatu, não representa apenas a reação individual dele, Lobato, mas de todo um setor consideravelmente importante da sociedade paulista, uma oligarquia rural em crise. (PASSIONI, 2002, p. 122)

Com o sucesso das publicações de seus artigos, Lobato conquistou expressividade literária e, em decorrência, surgiram novos convites para colaborar com jornais e revistas na capital. Em correspondência a Godofredo Rangel, relatou sobre a sua popularidade:

12 de fevereiro de 1915.

[...] estive em São Paulo três dias e todos me falaram da minha literatura com certo calor, achando que eu sou coisas. Ouvi os elogios de pé atrás, como sempre. Quem na cara não elogia? O que vale é o cochicho às costas. Pinheiro é amigo e me ficou atrás do quadro, como Apeles, para pegar o que de mim dizem pelas costas. Contou-me que na sala do Nestor, no *Estado*, houve uma séria discussão sobre aquele artigo Urupês, na qual poucos concordaram comigo totalmente, mas todos foram unânimes em que sou “novo de forma” e uma “revelação”. Será, Rangel, que com tão pequena amostra se possa chegar a esse veredicto? [...] E disso resultou que o *Estado* vai pagar-me os artigos a 25 mil-réis, logo que a folha volte à normalização financeira e se refaça dum desfalque de 150 contos que lá deu o velho gerente – foi o que ouvi. (LOBATO, 2010, p. 151)

Contudo, ainda se mostrava insatisfeito com o trabalho no jornal, pois sentia que era um campo bastante limitado e que impedia-o de ampliar seus horizontes. Em nova carta, queixou-se ao amigo:

30 de março de 1915.

Não sirvo para jornal. Meu campo é o livro, o panfleto – ou um jornal meu cá como o entendo. Também tenho escrito umas diabruras para O Povo, jornalzinho de Caçapava no qual sou livre como o era no Minarete. [...] Esse tom é o meu tom natural, normal – qualquer outro será forçado. E o diabo queira escrever forçado! É o mesmo que andar arcado. Nada emperra mais a pena, e tolhe tanto o correntio da frase, como sentirmos sobre os ombros alguém a espiar-nos. A “feição” do *Estado* é um Censor que me espia sobre o ombro quando para ele escrevo. A Opinião Pública é outro Censor. A dos amigos, idem. As conveniências... Como vivemos amarrados, Rangel! (LOBATO, 2010, p. 152)

Por estas correspondências percebe-se que Monteiro Lobato tinha um personalidade irrequieta, sempre tentando experimentar novos campos e que também prezava pela liberdade

de criação, sem qualquer tipo de cerceamento. Esse perfil irá se refletir no conteúdo de suas obras, que implicará em interpretações e opiniões controversas, como veremos ao longo deste estudo. Segundo Azevedo (2000), ainda morando na fazenda, Lobato mostrou-se bastante interessado a respeito do saci. Baseado nos relatos das negras da fazenda de seu pai, a imagem que ele tinha sobre o saci dava conta de “um moleque pretinho, de uma perna só, com pito aceso na boca, gorro na cabeça e olhos vermelhos, mais astuto e menos assustador do que muitas criaturas fantásticas, como lobisomem ou mula-sem-cabeça”. (LOBATO, op. cit. AZEVEDO et al, 2000, p. 35)

Ainda de acordo com autora, o assunto lhe despertou muita curiosidade, fato que o impulsionou a uma campanha de resgate dos elementos da cultura nativa brasileira. Por isso, decidiu escrever para a *Revista do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*, sugerindo que se incorporasse elementos do folclore brasileiro nos cursos de arte. “Temos caiporas, boitatás, e tantos outros monstros cujas formas ainda em estado cósmico, nenhum artista procurou fixar”. (ibid, p. 36) A campanha de Lobato surtiu efeito. Em 28 de janeiro de 1917, a edição vespertina de *O Estado de S. Paulo*, sob o título “*Mitologia brasileira*”, anunciou a chamada para publicação de uma série de estudos sobre esta temática, em que todos são chamados a colaborar. Abriu-se então um inquérito sobre o saci.

O resultado do inquérito foi surpreendente, chegaram cartas de diversos lugares, principalmente de Minas Gerais, Rio de Janeiro, e, sobretudo, de diversas regiões paulistas. As histórias eram as mais variadas possíveis. De acordo com Azevedo (2000), o saci era fruto dos relatos dos negros, alguns dos quais eram ex-escravos, empregados nas fazendas dos pais ou avós dos leitores. Como muitas das descrições eram contrastantes, o próprio Lobato lança um texto definitivo para acabar com as dúvidas sobre as características físicas do saci:

Não sou negro nem cabra [...]. Sou ‘bi-perne’ e piso com os calcanhares para a frente, de modo que as minhas pegadas indicam a direção inversa à seguida por mim: menos um mal, é isso um bem, porque a humanidade eternamente desviada comigo do bom caminho, tem ensejo de mudar de direção, seguindo os traços das minhas plantas. (LOBATO, op. cit AZEVEDO et al, 2000. p. 40)

Segundo Lobato, portanto, o saci seria uma criança mestiça. O que contraria a imagem de uma criança negra de pele com um tom mais retinto, geralmente veiculada. Esta mudança da cor do saci de negro para mestiço, seria uma tentativa de Lobato de positivar a

mestiçagem? É possível, afinal, o debate sobre a mestiçagem da população brasileira era tão intenso como desigual entre os intelectuais da época. Escrevendo a Godofredo Rangel sobre a montagem do livro a respeito do Saci, Lobato começou a rever antigos conceitos:

08 de dezembro de 1917

Meu Saci está pronto, isto é, composto; falta só a impressão. Meto-me pelo livro adentro a corcovear como burro bravo, em prefácio, prólogo, proêmio, dedicatória, notas, epílogo; em tudo com o maior desplante e topete deste mundo. Ontem escrevi o Epílogo, a coisa mais minha que fiz até hoje – e concluo com a apologia do Jeca. Virei a casaca. Estou convencido de que o Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país. (LOBATO, 2010, p. 204)

De acordo com Azevedo (2000) na sua criação de 1914, a figura do jeca aparecia como o retrato do fatalismo, um homem que era algoz de si mesmo, vítima de uma preguiça atávica. Contudo, para a autora, Lobato mudou sua concepção a partir do contato com a obra *Saneamento do Brasil*:

Com a nova realidade descortinada pelos relatórios da pesquisa de campo produzidas por Belisário Pena e Artur Neiva, Monteiro Lobato descobre que o atraso do caipira, não constituía uma maldição racial, à Le Bom - o cientista social da corrente do determinismo, que defendia a superioridade decertas raças em relação a outras. Era, antes, fruto do subdesenvolvimento, que gera a fome, a doença e a miséria. (AZEVEDO, et al, 2000, p. 56)

Ou seja, Lobato já apresentava influência do pensamento higienista que defendia um processo educacional (de cima para baixo) da população como forma de correção dos costumes e comportamentos dos estratos mais baixos da sociedade, com o intuito de obter uma sociedade civilizada. Em face disto, o escritor passa a se envolver em campanhas higienistas pelo Brasil, e escrevendo textos pelo combate aos males endêmicos. Como já dito anteriormente, Monteiro Lobato não foi alguém que se contentava em ser uma coisa só, e isto explica o fato de que sempre esteve engajado em campanhas e projetos, que para ele, colocariam o país no caminho do progresso econômico e da modernidade, como a sua ideia de criar uma indústria de ferro e petróleo no Brasil, fruto do seu entusiasmo com o padrão de vida norte americano, durante o período de sua estadia em Nova York<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Monteiro Lobato foi adido comercial do consulado brasileiro em Nova York. De regresso dos Estados Unidos após a Revolução de 30, investe em ferro e petróleo. Funda empresas de prospecção, mas contraria poderosos interesses multinacionais, que culminaram na sua prisão, em 1941. Indultado por Vargas, foi perseguido pelo

## *Livros, um excelente negócio: a Revista do Brasil e a revolução no mercado editorial infantil*

Com o capital adquirido na venda da Fazenda São José do Buquira lhe rendendo juros no banco, Monteiro Lobato mudou-se de vez para São Paulo. Lá continuou a exercer seu ofício de escritor, publicando constantemente em *O Estado de S. Paulo* e também na *Revista do Brasil*. De acordo com Azevedo (2000, p. 61), a *Revista do Brasil* teve sua fundação em setembro de 1915, nascida “como uma sociedade anônima, formada por sessenta acionistas, na sua maioria, intelectuais, políticos e jornalistas ligados ao grupo do *Estado*”. Escrevendo a Rangel, Lobato conta sobre o cargo que lhe foi oferecido na revista: “O Plínio Barreto oferece-me a direção da *Revista do Brasil*, mas sou um burrinho muito rebelde e chucro para ter patrão, e iria ter dois: Júlio Mesquita e Alfredo Pujol”. (LOBATO, 2010, p. 206) O escritor não estava interessado apenas em se tornar diretor da revista, e sim, seu dono, como de fato acaba se tornando, ao efetivar a sua compra. Transação que se revelou bem sucedida, conforme relatou ao amigo:

Acaba de fazer um ano que comprei a Revista do Brasil. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiência do negócio. Saiu melhor do que esperei. Para o comprovar, basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero. Isto me induziu a tomar a coisa a sério e criar a Empresa Editora “Revista do Brasil” com o capital de 100 contos. Estamos organizando a sociedade e com planos de localizá-la no Rio. Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de língua espanhola, que é grande. (LOBATO, 2010, p. 206).

Sob o comando da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato lançaria as bases da indústria editorial no país. É nesse período que ele começa a investir no gênero de livros infantis, segmento até então pouco explorado por outros escritores. No ensaio *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*, Lajolo e Zilberman (1991) atestam a originalidade e o pioneirismo do autor nesse meio:

---

Estado Novo, que mandou apreender e queimar seus livros infantis. Estas informações foram retiradas do prefácio do livro *Urupês* (2008)

[..] Lobato, já escritor famoso, passa a correr numa outra faixa: investe progressivamente na literatura para crianças, de um lado como autor, de outro como empresário, fundando editoras, como a Monteiro Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense, e publicando os próprios livros. O comportamento é original, pois, na ocasião, havia poucas casas editoras, a maioria aparecida e moldada no século XIX, como a Francisco Alves, a Brigueiet ou a Quaresma, e eram raros os livros infantis. Reunir ambas as iniciativas era ainda mais ousado, mas é gesto de quem inaugura novos tempos enquanto está se iniciando a uma nova modalidade de expressão literária. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1991, p.46)

Monteiro Lobato conquistou um espaço de prestígio no meio literário, pois além de investir no ramo comercial livreiro, até então pouco explorado no Brasil daquele período, ele também se preocupava com a qualidade da sua produção literária, voltada agora para o público infantil. Tal preocupação poderá ser observada ao longo deste estudo, aonde em suas constantes missivas ao amigo Godofredo Rangel, o autor pede opiniões e críticas a respeito de seus escritos, bem como nos trabalhos que se debruçaram a estudar o processo de criação e elaboração de suas obras.

### **Fazer livros onde as crianças possam morar: o ideal de infância representada por Lobato nas histórias de *Reinações de Narizinho***

*De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim, morar, como eu morei no Robinson e n'Os filhos do capitão Grant.*

(Monteiro Lobato, in: *A barca de Gleyre*)

Como afirma a grande maioria de seus estudiosos, as obras infantis de Monteiro Lobato sempre tiveram objetivos bem definidos pelo autor. Sua literatura apresentava uma abordagem que visava despertar nas crianças um pensamento crítico e questionador, com estética e linguagem inovadoras, que também valorizasse o ambiente nacional como pano de fundo das suas histórias. Segundo Gouveia (1999), Lobato rompeu com os cânones que regiam o texto literário destinado ao público infantil e estabeleceu novos referenciais para o

gênero. A autora afirma que a produção inicial de uma literatura endereçada às crianças no Brasil se caracterizava por ter:

uma concepção de escrita voltada para descrição de um cotidiano infantil modelar, apresentando personagens esquemáticos, dotados de virtudes a serem incorporadas e defeitos a serem evitados e corrigidos pelo leitor infantil, veiculando-se através do texto, preceitos morais, cívicos e religiosos. (GOUVÊA, 1999, p. 13)

Nesse sentido, para Gouvêa a literatura lobatiana caminhou no inverso do que intencionavam os autores que vieram antes dele, ao escreverem seus contos infantis com a finalidade de inculcar nos pequenos leitores valores impostos pelos adultos. Ao afirmar que acabaria por fazer livros onde as crianças quisessem morar, assim como ele mesmo experimentou na própria infância com os livros que lera, Lobato já concebia um projeto literário que não serviria apenas como um mero entretenimento ou um manual lúdico de regras para as crianças, mas que, sobretudo, criava uma narrativa que englobava diversos temas da sociedade brasileira e acontecimentos de nível mundial ao universo infantil.

Em seu estudo *O nacionalismo na literatura infantil no início do século XX*, Sandroni (1986) faz uma análise das histórias de autores que representaram a primeira fase da literatura infantil, como Figueiredo Pimentel, um dos primeiros a fazer a tradução brasileira dos livros infantis, publicando o primeiro volume da coleção de *Contos da Carochinha*. Diz o autor na dedicatória da obra:

São histórias para crianças, mas todas têm moral muito proveitosa, ensinando que a única está na Virtude, e que a alegria só vem de uma vida honesta e serena. E lembra-te que a vida de família é a única feliz, que o lar é o único mundo onde se vive bem, onde a Mulher, boa, santa, pura e carinhosa, impera como uma rainha. (PIMENTEL apud SANDRONI, 1986, p.19)

Pode-se observar pelo trecho acima, que havia uma preocupação em instruir as crianças a seguirem os princípios e valores da moralidade, que consistiam principalmente na moral cristã e católica, esta que deveria ser aprendida no seio familiar, para que se tenha uma “vida honesta e serena”. Outro ponto que merece destaque é a forma como se estabelece a relação de gênero, visto que a mulher “que é boa, santa, pura e carinhosa”, e que exerce sua função devida no lar, é aquela que deve ser valorizada na sociedade.

De acordo com Azevedo (2000), uma das primeiras histórias escritas para criança por Monteiro Lobato, surgiu quando em conversa com Hilário Tácito, que lhe contou sobre a aventura de um peixinho que morrera afogado por ter desaprendido a nadar. O escritor, instigado pela narração, transformou aquilo em um pequeno conto, sob o título “A história do peixinho que morreu afogado”. Mas que, segundo a pesquisadora do Museu Monteiro Lobato, Hilda Vilela Merz, jamais foram localizados cópias desse texto. Assim, inspirado por tal fábula e pelas lembranças do tempo de menino vividos na roça, Lobato lançou a primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado*, que narra as aventuras de uma avó, sua neta órfã, Lúcia e a inseparável boneca de pano, Emília. Além de Pedrinho, também neto de Dona Benta, Tia Nastácia, o Visconde de Sabugosa e demais personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Com intuito de aperfeiçoar seu trabalho, Lobato escreveu a Rangel: “Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.” (LOBATO, 2010. p. 228). Aponta Azevedo (2000, p. 79), que o livro foi submetido à aprovação do governo de São Paulo, sendo adotado para uso no segundo ano das escolas públicas, tirando em 1921 a edição recorde de 50.500 exemplares. Sendo assim, *Reinações de Narizinho* é um volume que reúne as primeiras histórias infantis de Monteiro Lobato. Escritas e publicadas pela primeira vez em 1921. Entre a primeira edição de *A menina do Narizinho Arrebitado* e a organização do volume *Reinações de Narizinho*, entre 1931 e 1934, algumas modificações foram feitas. O escritor comenta com o amigo sobre as alterações que vinha fazendo no texto:

7 de outubro de 1934

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. [...] Vou fazer um verdadeiro Rocambol infantil, coisa que não acabe mais. [...] Pela primeira vez estou a entusiasmar-me por uma obra. (LOBATO, 2010, p. 266)

Conforme Bertolucci (2005), na tese em que estuda a composição do livro *Reinações de Narizinho*, bem como sua recepção e apreciação crítica, Lobato aparece em constante processo de reescrita da obra. Segundo a autora, durante esse período, a narrativa construída

pelo autor ganhou sofisticação no tocante à sua linguagem, e que fez desse livro “o marco do amadurecimento artístico do escritor na vertente referida”. (p. 13)

Partindo para análise da obra enfocada, podemos observar já no primeiro capítulo, intitulada *Narizinho Arrebitado*, os recursos empregados por Monteiro Lobato na construção da sua narrativa:

Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: - Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas, Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta de pipoca e já sabe fazer bolinhos de polvilho bem gostosos. Na casa ainda existem duas pessoas, tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo... (LOBATO, 1962, p. 3)

É com esta passagem que Lobato nos introduz ao universo dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. Nota-se que o autor começa pelo lugar de ação, ao descrever o ambiente circunscrito da história, que se trata de um espaço rural. De acordo com Lajolo e Zilberman (1988), na literatura infantil produzida entre 1920 e 1945:

O espaço privilegiado pelas histórias é o mundo rural, representado, no entanto, por diferentes pontos de vista. Na obra de Monteiro Lobato, em especial nos primeiros livros, trata-se do Sítio do Picapau Amarelo [...], uma propriedade até certo ponto característica da economia agrícola brasileira, cujo antecedente literário mais próximo é o sítio Congonhal de Saudade, de Tales de Andrade. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1988, p. 64)

Nesse sentido, o lugar ou espaço de ação, se torna uma importante categoria de análise das histórias. Dando segmento ao trecho, Lobato descreve a figura de Dona Benta como sendo uma senhora que vive a fazer costuras na varanda de casa, mas que longe de ser uma mulher solitária, como se poderia pensar, ela vive em companhia da sua neta Lúcia, o que a torna “a mais feliz das vovós”. Vale ressaltar que a descrição da personagem à primeira vista, passa a impressão de que Dona Benta estaria dentro dos padrões de uma “avó brasileira comum”, que costura e é dedicada aos netos. Contudo, veremos em outras passagens da obra, que Dona Benta se diferencia bastante das demais mulheres e avós de sua época.



Uma mulher branca, com mais de sessenta anos, que sozinha comandava sua propriedade, sem nenhum auxílio masculino e embora morasse numa área rural, Dona Benta é também uma mulher letrada, tem em sua casa, além de livros com temas variados, clássicos da literatura infantil, que narra para as crianças. Nos estratos pobres e empobrecidos da sociedade brasileira, a maioria dos lares era matrifocal, ou seja, às mulheres - pela ausência da figura masculina - exerciam a chefia e a responsabilidade pela sobrevivência da família. Pois, conforme registra Ferreira Filho (1994, p. 21), no tocante à reprodução escrava: “somente a mulher era responsabilizada pelos cuidados com a sobrevivência da prole, fazendo da presença masculina um elemento episódico” Assim, a atitude de Dona Benta de chefiar sua casa podia ser incomum para as camadas médias e altas da sociedade, mas não para as camadas baixas da sociedade.

Assim, Dona Benta, possui características que vão de uma avó carinhosa, protetora das crianças e demais personagens do sítio, até o de uma professora gabaritada, pois de acordo com a pesquisa de José Roberto Penteado (1997, p. 209) “conhece todos os assuntos e é capaz até de conversar com cientistas e chefes de Estado”. A personagem Dona Benta, portanto, estava em consonância com o ideal higienista da mulher/mãe/ professora, ou seja, da mulher instruída capaz de educar seus próprios filhos. No caso da personagem, no entanto, esta função era exercida pela avó. Quando contava as histórias para as crianças, buscava sempre adaptá-las em uma linguagem que fosse mais facilmente compreendida:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheio de termos do tempo da onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo: “lume”, lia “fogo”, onde estava “lareira”, lia “varanda”. E sempre que dava com “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” - e ficava o dobro mais interessante. (LOBATO, 1962, p. 127)

Observa-se nessa passagem que, através da personagem de Dona Benta, o autor faz uma crítica ao português utilizado nas histórias dos livros infantis existentes no Brasil daquele período, que conforme apresentado anteriormente, traduzia e adaptava livros produzidos na Europa. O modo “diferente” de Dona Benta ler – a ideia da língua mais próxima do falante - seria o novo estilo de linguagem criado por Monteiro Lobato na sua narrativa, que tornava a leitura mais atraente ao público infantil.

Antes de apresentar Lúcia, mais conhecida por Narizinho, Lobato a classifica como a “mais encantadora das netas” e em seguida elenca demais características como a idade, uma

menina de sete anos, cor da pele, “morena como jambo” - dando a entender que ela seria mestiça - e a sua habilidade em já saber fazer “bolinhos de polvilhos bem gostosos”. Ou seja, o autor “valoriza” a criança, atribuindo a ela uma qualidade apreciada nas mulheres adultas da época, a desenvoltura na cozinha. Este fato denota que Lobato – apesar de atribuir certa independência a figura infantil - mantém a concepção de que o papel social da mulher estava restrito ao mundo privado e do lar.

### *A representação do negro no universo infantil de Monteiro Lobato*

Após Dona Benta e Narizinho serem apresentadas, são mencionadas outras duas personagens: Tia Nastácia e a boneca de pano, Emília. Ao falar sobre Tia Nastácia, Lobato a descreve como “negra de estimação que carregou Lúcia em pequena” (ibid, p. 4). A presença de “uma negra de estimação” traz para a história um fato corriqueiro nas fazendas brasileiras do início do século XX - a permanência de ex-escravos na casa dos antigos senhores - Alencastro (19997, p. 30) aponta que: “Como na Europa e na América do Norte, o recurso às amas-de-leite parecia ser bem comum no Império”. Muitas amas continuaram a trabalhar na casa dos antigos senhores e a cuidar de seus filhos, mesmo depois da abolição da escravatura. A expressão “negra de estimação” indica que o autor salienta o estado de coisificação dos negros, vistos pela sistema escravista como um objeto, uma propriedade.

Em seu estudo *Negros e negras em Monteiro Lobato*, a pesquisadora Marisa Lajolo (1999) discute a representação do negro na obra lobatiana, A autora aponta que:

Tia Nastácia, “negra de estimação que carregou Lúcia em pequena”, ganha as primeiras atenções: ela desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social. (LAJOLO, 1999, p. 65)

Lajolo prossegue apresentando passagens aonde nem sempre a relação entre Tia Nastácia e os demais personagens, principalmente Emília, se dá de maneira harmônica. Como por exemplo, nos trechos do livro *Histórias de Tia Nastácia* (1937), em que a boneca

despreza as histórias contadas por Tia Nastácia e tenta desqualificá-la por suas características étnicas:

Pois cá comigo – disse Emília – só aturo estas histórias como estudo de ignorância e burrice do povo. [...] Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto! – Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia esta diaba. [...] – Emília, Emília! – Rulhou Dona Benta. A boneca botou-lhe a língua. (LOBATO apud LAJOLO, 1999, p. 66)

A esse respeito, os autores da obra biográfica *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, embora admitam a eugenia<sup>4</sup> presente em algumas obras do escritor, defendem que Lobato valoriza a importância da cultura africana e que jamais fora condescendente com o sistema escravista:

Francamente eugenista, a trama urdida por Lobato em *O choque*<sup>5</sup>, onde a inteligência dos brancos acabava vencendo, vem destacar posições ambíguas do escritor. Mas se neste livro ele abraça ideias acerca da superioridade racial, em outros momentos resgata o elemento de origem africana e reconhece seu papel na cultura brasileira- como na caracterização de Tia Nastácia e Tio Barnabé- personagens do sítio do Pica-pau amarelo, representantes do saber popular. E tampouco se esquiva em denunciar as crueldades do escravismo, conforme se pode constatar no conto Negrinha. (AZEVEDO et al. 2000, p. 117)

No entanto, esse “saber popular” do qual os personagens negros seriam representantes, é constantemente atacado e considerado inferior pelos demais personagens, uma vez que os conhecimentos de Tia Nastácia são, muitas vezes, motivo de chacota e não de reconhecimento. Conforme Crespo (1997):

---

<sup>4</sup> De acordo com Abreu (2014, p. 132) “Foi justamente quando Lobato chegou a Nova York que a eugenia, equivocadamente entendida como uma “ciência” da raça superior, estava no auge da popularidade entre os ricos e intelectuais norte-americanos, disseminando práticas coercitivas de esterilização, castração, e segregação, além da proibição matrimonial daqueles considerados degenerados ou geneticamente inferiores. Acreditava-se piamente na eugenia como uma verdadeira alternativa para melhorar o mundo”. Para ver mais, consultar o trabalho *Censura e Eugenia em História do mundo para crianças, de Monteiro Lobato*. Disponível em: <http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2015/10/10.pdf>. Acessado em 15 jul. 2018.

<sup>5</sup> Lançado em 1926 como *O choque* e, posteriormente, publicado em forma de livro pela Companhia Editora Nacional sob o título *O presidente negro*, trata-se do único romance escrito por Monteiro Lobato. Antes do seu lançamento, o autor relata em carta de 08/07/1926 a Godofredo Rangel seus planos: “Sabe o que ando gestando? Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O clou será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto!”

A subalternidade da personagem funciona como algo natural no universo das histórias. A sua surpresa caricata frente às novidades tecnológicas, o seu apego à religiosidade e às crendices que os demais personagens rechaçam [...], ilustram as marcas indeléveis que a mistura entre raça e progresso deixaram em Lobato. (CRESPO apud SILVA, p 118.)

Em *Reinações de Narizinho*, percebemos de forma mais clara a tentativa dos personagens infantis em explicar às criaturas dos contos de fada, que sempre visitam o sítio, a presença de uma criada da negra na casa. Em certa ocasião, onde estavam reunidas princesas como Cinderela, Branca de neve, entre outras, encontramos o seguinte diálogo:

As senhoras princesas e príncipes – disse Narizinho, estão convidados para tomar um café. E voltando-se para a cozinha: Tia Nastácia! Traga um café bem gostoso a estes amigos. Quando Tia Nastácia entrou na sala com a bandeja de café, seus olhos se arregalaram de espanto. - Credo! – exclamou. Não sei onde Narizinho descobre tanta gente importante tanta princesa tão linda! A sala está que parece um céu aberto! Quem é ela? – perguntou Branca de neve ao ouvido da boneca enquanto a negra servia café. Pois não sabe? – respondeu Emília com carinha malandra. Nastácia é uma princesa núbia que certa fada virou em cozinheira. Quando aparecer um certo anel, que está na barriga dum peixe, virará princesa outra vez. Quem vai danar com isso é Dona Benta, que nunca achará melhor cozinheira. [...] - Todos tomaram café, menos Cinderela. Só tomo leite, explicou a linda Princesa. Tenho medo de que o café me deixe morena. - Faz muito bem - disse Emília. Foi de tanto tomar café que tia Nastácia ficou preta assim. (LOBATO, 1962, p. 190)

Por esta passagem, entende-se que Tia Nastácia é vista como uma pessoa bastante exótica para os personagens dos contos de fadas europeus, que adentram ao sítio. Se fez necessário uma explicação inventada por Emília, em razão da sua cor, para que não se criasse um estranhamento, visto que é quase inexistente a presença de negros em tais fábulas. Outra situação parecida se repete, no momento em que todos estão à espera do espetáculo circense, organizado pelas crianças, quando Narizinho se dirige à plateia para apresentar às duas senhoras:

Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso **Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira**, que já morreu. Também apresento a Princesa Anastácia. **Não reparem por ser preta. É preta só por fora e não de nascença.** Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura. (ibid, pp 245-246. grifos nossos)

Já de início, Dona Benta é apresentada pela menina como sendo parente de alguém que provavelmente possuía certo prestígio social, enquanto Tia Nastácia tem a sua origem novamente negada, cuja aparência seria proveniente de uma maldição, sendo ela “preta só por fora” mas internamente branca. Se dentro da narrativa Lobatiana parecia não haver um lugar de fato para os negros, nos debates acerca da construção de uma nação brasileira, a população negra era tida como um problema gerado pelo pós-abolição. De acordo com Lilia Schwarcz (1998), a elite e intelectuais brasileiros atribuíam o atraso do país à sua composição racial, resultando no projeto de “branqueamento”, visível nas políticas e na legislação relativas à migração.

### *Emília e Narizinho: duas representações do feminino*

Retomando ao primeiro parágrafo de *Reinações de Narizinho*, o qual nos são apresentados os personagens do Sítio, ao mencionar que “na casa ainda existem duas pessoas”, além de Dona Benta e Narizinho, Lobato confere humanidade à boneca, antes mesmo de Emília adquirir fala e movimento. A boneca fora fabricada por Tia Nastácia, que a deu de presente para Narizinho. No livro *Memórias de Emília*, a própria boneca relata sobre sua origem:

[..] E nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas numa cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros. (Interfere o Visconde) - Diga logo macela que todos entendem. - Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feita boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinho de venda [...] (LOBATO, 1982, p. 242)

No momento inicial de *Reinações de Narizinho*, Emília aparece como uma simples boneca de pano, sem nenhuma característica especial. O que chama atenção na sua criação é o fato dela ser bem diferente do modelo ideal de bonecas que se tinha no período, como apontado por Gilberto Freyre:

O culto das bonecas louras e de olhos azuis entre as meninas da gente mais senhoril ou rica do Império deve ter concorrido para contaminar algumas delas de certo arianismo; para desenvolver no seu espírito a idealização das crianças que nascessem louras e crescessem parecidas às bonecas francesas; e também para tornar a francesa o tipo ideal de mulher bela e elegante aos olhos das moças em que depressa se transformavam nos trópicos, aquelas meninas. (FREYRE, 1962, p. 27)

É importante destacar que o autor chama atenção para o fato de que essas bonecas despertavam nas meninas a idealização de um modelo feminino que era desejável para a sociedade na época. Isto nos leva a concluir que os brinquedos não são apenas objetos neutros para diversão infantil, pois os mesmos carregam informações a respeito de quem os produz e também de quem os compra. Segundo Walter Benjamin (1984), muitos desses objetos representavam o ideal de infância desejada:

[...] as crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes do povo e da classe a que pertencem. Por isso, o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo [...] E mesmo que a criança conserve uma certa liberdade de aceitar ou rejeitar, muitos dos mais antigos brinquedos, de certo modo, terão sido impostos à criança como objeto de culto, que somente graças à sua imaginação se transformam em brinquedos. É, portanto, um grande equívoco supor que as próprias necessidades infantis criem os brinquedos. (BENJAMIN, 1984, p. 72)

Nesse sentido, diferente das bonecas clássicas e seus pressupostos, a criação de Emília vai à contramão dos padrões da época descritos por Gilberto Freyre. Tanto pelo fato de ter sido feita de modo artesanal, pelas mãos de uma negra cozinheira, quanto no tocante à sua aparência, “feia que nem uma bruxa”, que destoava completamente do modelo de mulher que as bonecas deveriam inspirar. Isto porque, desde os tradicionais contos de fadas europeus, diferente das belas princesas e rainhas, a figura da bruxa estava quase sempre relacionada com a feiura e práticas maldosas. Para além desses aspectos quanto a aparência de Emília, podemos inferir que o modelo de boneca criado por Lobato transmite uma ideia de transgressão também pelo seu comportamento rebelde e sempre questionador, como se verá no decorrer da narrativa.

Ainda no início do primeiro capítulo, Narizinho, acompanhada de Emília, encontra-se pela primeira vez com as criaturas do *Reino das águas claras*, enquanto passeavam pelo quintal do sítio:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço. [...] E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé, na ponta do seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão, a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê [...] Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala. Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu respeitosamente. Muito boas tardes, Senhor Príncipe! -disse êle. - Viva, Mestre Cascudo! – foi a resposta [...] (LOBATO, 1962, p. 4)

Neste trecho, a presença de animais falantes, como um besouro e um peixe - que é príncipe e também rei do reino das *Águas Claras* -remete ao universo das fábulas, onde tudo acontece e que, para Lobato, seriam o modelo ideal de histórias para crianças. A inserção do "maravilhoso" é uma das características marcantes dentro da narrativa lobatiana. No Sítio do Pica-pau Amarelo, a fantasia invade os limites da realidade, porque a imaginação infantil ultrapassa o interior de seus personagens e passa a fazer parte da paisagem. Ou seja, as criaturas mágicas surgidas dos contos de fadas e as que foram criadas por mãos humanas, como Emília, passam a interagir com o mundo real, não sendo vistos apenas pelas crianças, mas também pelos personagens adultos. Tal estratégia empregada por Lobato em seus livros obteve êxito junto ao público infantil. De acordo com Azevedo (2000), o escritor conquistava pequenos fãs por todos os cantos do país, como consta nos registros das cartas recebidas por ele, escritas por seus pequenos leitores, com mitos elogios, agradecimentos e recomendações, como se pode observar nos seguintes trechos:

Eu fiz 8 anos no dia 21 de janeiro. Já sei ler e gosto muito de ler os seus livros”, revela um bilhete assinado por João Bernardo. “O que mais me impressionou foi o que o senhor escreveu sobre o pó mágico de pirlimpimpim”. E aproveita pra pedi um pouco...

Venho apenas agradecer-lhe o muito que fez por mim através dos seus livros. Desde que eu tinha 6 anos, quando ainda morava na cidade de Salvador da Bahia, [...] eu sonhava com o seu Sítio do Pica-pau Amarelo, recorda Miriam, 18 anos, contando que durante o vestibular, quando qualquer “compêndio” lhe dava “náuseas”, lia *Geografia de Dona Benta*. Desanuviou o espírito e me deixou em um estado de ânimo milhões de vezes melhor. (AZEVEDO, et. al. 2000, p. 175)

A partir dos fragmentos dessas cartas, observa-se que havia uma relação bastante estreita entre as obras infantis de Monteiro Lobato e o seu público leitor, por conseguinte, entre o autor e o seu público. A este respeito, Zilberman (1986), argumenta que:

[...] o reconhecimento da importância do leitor criança no sistema de circulação da literatura infantil, configura a ótica a partir da qual se torna viável a abordagem dos textos. De um lado, permite um enfoque que leve em consideração o interesse da história para a criança, o que significa simultaneamente uma ruptura com os padrões adultos, que motivaram seu aparecimento. [...] De outro lado representa igualmente a manutenção de um foco sociológico; todavia, este se particulariza na medida em que se volta a compreensão do papel desempenhado pelo consumidor do texto, e não pelo seu produtor, já que é da decrescente influência deste que emerge a autonomia artística da obra. (ZILBERMAN, 1986, p. 21)

Nesse sentido, podemos inferir que o “leitor criança” possuía um papel fundamental na obra lobatiana, visto que, era a partir do olhar e da percepção infantil sobre o mundo ao seu redor e a forma peculiar de ser e agir em meio à lógica adulta, que Monteiro Lobato foi construindo o universo do Sítio do Pica-pau Amarelo. Retomando à passagem que narra o primeiro encontro de Narizinho com o Príncipe Escamado, veremos como se deu o processo de humanização de Emília. Narizinho é convidada pelo Príncipe a conhecer o *Reino das Águas Claras*, que fica submerso no ribeirão que corre ao fundo do sítio. É nesse momento em que a boneca, sem nenhuma explicação prévia do narrador, de súbito ganha movimento nas pernas e sai andando atrás de sua dona. É onde também tem a possibilidade de adquirir fala, como se pode observar no trecho destacado:

[...] Conversaram um longo tempo, e por fim, o Príncipe Escamado convidou-a para uma visita ao seu reino. Narizinho ficou no maior dos assanhamentos. -Pois vamos já, antes que tia Nastácia me chame. E lá se foram os dois de braços dados, como se fossem velhos amigos. **A boneca seguia atrás sem dizer uma palavra.** - Parece que Dona Emília está emburrada, observou o Príncipe - Não é burro não Príncipe. **A pobre é muda de nascença.** Ando a procura de um bom doutor que a cure. - Há um excelente na côrte, o célebre Doutor Caramujo. Emprega umas pílulas que curam todas as doenças, menos a gosma dele. Tenho a certeza de que **o Doutor Caramujo põe a Senhora Emília a falar pelos cotovelos.** (LOBATO, 1962, p. 4 grifos nossos)

O estilo que Lobato emprega no diálogo acima dá a entender, que embora os contos de fadas lhe servissem de inspiração para criar suas fábulas, há um traço de originalidade, visto que não foi preciso o uso de uma varinha de condão, como a que é usada para transformar a abóbora em uma carruagem, no conto europeu de *Cinderela*, para que a boneca ganhasse movimento. Emília simplesmente sai andando, como se já lhe fosse inerente, esperando apenas o momento certo de acontecer. Ademais, antes mesmo de começar a falar,



ela já possuía capacidade de raciocinar por conta própria, ao ajudar Narizinho em uma situação de urgência:

Foi um reboiço na sala. A velha atracou-se com a menina, e certamente que a subjugaria, **se a boneca, que estava na mesa ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela ideia de arranca-lhe os óculos e sair com eles.** Dona Carochinha<sup>6</sup> não enxergava nada sem óculos, de modo que ficou a pererecar no meio da sala como cega, enquanto a menina corria a esconder o Polegar na gruta dos tesouros, bem lá no fundo de uma concha. (LOBATO, 1969, p.17 grifos nossos).

Percebemos que Emília, ainda sem o recurso das palavras e seus signos, compreende a situação e age rapidamente para salvar Narizinho. Diferente de quando começa a andar, a aquisição da fala só se torna possível através das pílulas que ingere, receitadas pelo Doutor Caramujo, o que demonstra a importância do método científico, neste caso, a medicina, que confere por fim, o status de humanidade à boneca. Ao ingerir a pílula, ela começou a falar no mesmo instante e falou e por horas consecutivas:

- Doutor Caramujo, Emília!

- Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o Doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão. - Beliscão – emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso. **Viu que a fala da Emília não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu.** – Melhor que seja assim, filosofou Narizinho. As ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a bôca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades. (LOBATO, 1962, p 28. grifos nossos)

Até esse momento era Narizinho a protagonista central da história. Quando Emília começa a agir e falar feito gente -ainda que de modo desajustado- é a boneca que se tornará o centro das atenções no decorrer da narrativa. Mesmo repreendendo seus impulsos, a menina demonstra entusiasmo pelo modo como Emília se expressa, acreditando que suas ideias servirão de contraponto aos conhecimentos de Dona Benta e Tia Nastácia. Veremos mais

---

<sup>6</sup> Nesta passagem, Dona Carochinha, conhecida pelo livro *Contos da Carochinha*, aparece no *Reino das Águas Claras*, para tentar resgatar de Narizinho o personagem Pequeno Polegar, que havia fugido de sua história. Ao saber do acontecido pela prima, pois neste momento ainda não havia chegado na história, Pedrinho dá uma explicação sugere que: “Se Polegar fugiu é porque a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos que botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta ideia – fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras (...)”. (LOBATO, 1962, p. 53) O argumento do menino não deixa dúvidas quanto ao projeto de Lobato em recriar um novo modelo de história para crianças.

adiante que a transformação da boneca causará bastante polêmica entre os demais moradores do sítio, como o espanto das duas “velhas” com a descoberta, principalmente Tia Nastácia, que a fabricou:

Tamanho susto levou Doa Benta, que por um triz não caiu da sua cadeirinha de pernas serradas. De olhos arregaladíssimos, gritou para a cozinha: -Corra Nastácia! Venha ver este fenômeno... [...] - Que é, Sinhá? Perguntou. - A boneca de Narizinho está falando! ... [...] - Impossível, Sinhá! Isso é coisa que nunca se viu, Narizinho está mangando com mecê. - Mangando seu nariz! - gritou Emília furiosa. Falo sim e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha da barriga de um sapo e eu engoli e hei de falar a vida inteira, sabe? [...] E fala mesmo, Sinhá! ... exclamou no auge do assombro. Fala que nem uma gente! Crédo! O mundo está perdido... (LOBATO, 1962, p. 30)

Nesse diálogo, percebemos que a história começa a mudar de perspectiva. Pois como mencionado anteriormente, Narizinho é uma menina doce e educada, ensinada a respeitar aos mais velhos. Enquanto Emília é o oposto, visto que não tem papas na língua, independente a quem ela esteja se dirigindo. A “língua afiada”, bem como sua rebeldia e astúcia, serão recursos constantemente utilizados pela boneca para se impor e obter vantagens de acordo com seus próprios interesses.

Assim como nos contos de fadas tradicionais, em que as mocinhas se casam com os heróis e príncipes encantados, a proposta de casamento também aparece para Narizinho e Emília. O que indica que Lobato reproduz - mais uma vez - a naturalização dos papéis sociais dos diferentes gêneros. Ao gênero feminino cabia o mundo privado, do lar e o casamento. Este, todavia, ocorrerá de forma distinta para ambas. A ideia de casar Emília parte de Narizinho: “Senhora Condêssa, acho que é tempo de mudar de vida. Precisa casar, se não acaba ficando tia<sup>7</sup>. Amanhã vem um distinto cavaleiro pedir a mão de Vossa Excelência.” (ibid, p. 81).

Para realizar seu desejo, a menina que convence a boneca de que rabió na verdade era um príncipe e também marquês, que fora transformado em porco pelo feitiço de uma fada má. De outro modo, ela não se casaria, pois conforme Lobato (1962, p. 82), “Emília não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha gênio pra aturar marido, além de que, não via lá pelo sítio ninguém que a merecesse”. Contudo, acreditando na história que lhe foi

---

<sup>7</sup> O termo “ficando pra tia” se refere aqui ao destino reservado as mulheres que não tiveram a “sorte” de se casar e, por consequência, também não seriam mães. Fato que era mal visto pela sociedade, pois exercer o papel de mãe e esposa deveria ser a grande realização da vida de uma mulher.

contada, a boneca decide aceitar, pois “Ser princesa era seu sonho dourado e se para ser princesa fosse preciso casar-se com um fogão ou a lata de lixo, ela o faria sem vacilar um momento” (ibidem).

Primeiro ponto a ser destacado é a motivação de Emília em aceitar o casamento. Seu intuito era único e exclusivamente conquistar um título de nobreza, não importando como o faria para conseguir. Sublinha-se também o fato de Emília não ter “gênio pra aturar marido”. É importante ressaltar que, no período em que Lobato escreveu e publicou a obra, tais questões seriam vistas como polêmicas. De acordo com Veloso (2003, p.133), a partir de 1920: “iniciava-se no Brasil, campanha de educação da mulher, para que realizasse seus trabalhos domésticos com maior qualidade, campanha para que os homens também fossem mais respeitadores e amigos de suas esposas”. Entretanto, ainda segundo a autora, era a esposa quem deveria civilizar o marido, conforme instruído no trecho do manual *A Felicidade no lar*:

A mulher educada sob os princípios da moral e da religião não se deixará perecer sob maus-tratos do esposo nem tampouco o abandonará. Ela saberá convertê-lo, pela sua vontade enérgica, em um companheiro amigo e bom e poderá moldá-lo a seu talento (VELOSO apud: BESSE, 1999, p. 91).

De modo semelhante ao que era recomendado e incentivado às mulheres que pretendiam se casar ou já estivessem casadas à época, como paciência e resignação, Narizinho aconselha Emília a perdoar o marido, que no dia do casamento acaba estragando a festa, ao devorar todos os doces, deixando a boneca furiosa: “Isto não quer dizer nada. Rabicó é meio ordinário, não nego, mas com o tempo irá criando juízo e ainda acabará um excelente espôso.” Depois, é preciso não esquecer que qualquer dia êle vira príncipe e faz você princesa” (LOBATO, 1962, p. 89). Podemos dizer que o conselho dado a Emília por Narizinho representa o que uma mãe diria para a filha, que demonstrasse insatisfação com o casamento.” Indo mais adiante na história, Emília descobre que foi enganada e que Rabicó nunca se transformaria em príncipe:

- Está aí o que você fez! - costumava ela dizer em voz queixosa. Casou-me com um príncipe de mentira e agora está aí, está aí... Narizinho dava-lhe esperanças - Tudo se arruma. Um dia êle morre e eu caso você com o Visconde ou outro qualquer. (ibid, p. 94)

Em outra passagem, contradizendo seu próprio conselho dado à Emília, Narizinho comenta com o príncipe sobre o que pensava em fazer para resolver a situação da boneca: “tenho vontade de desmanchar seu casamento com o Marquês para casá-la com o Gato Félix, pois não está sendo feliz no primeiro casamento” (ibid, p. 131). Sublinha-se aqui uma abordagem até então inusitada nas histórias infantis, que seria a possibilidade de “desmanchar” um casamento, levando em conta a infelicidade da esposa. Fato que não se alinhava às convenções da época.

De acordo com Penteado (1997, p. 275), em *Reinações de Narizinho*, “a instituição do casamento é frequentemente apresentado sob enfoque crítico, através do qual, o divórcio – inexistente no Brasil, na época em que os livros foram publicados – é apresentado como necessário e socialmente aceitável”. Sobre a questão do divórcio, pode-se dizer que era algo encarado como tabu na sociedade brasileira do início do século XX. Práticas como traições e maus tratos para com o cônjuge, não eram em sua maioria, consideradas como justificativa para a separação do casal. Como vimos anteriormente, recomendava-se às mulheres que suportassem com total benevolência atitudes ofensivas e até mesmo agressoras de seus maridos, pois a elas cabiam à tarefa de transformá-los em parceiros melhores e mais amorosos.

Diferente do que ocorreu com Emília, o casamento de Narizinho segue uma linha mais romântica. Desde que conheceu a encantadora menina do nariz arrebitado, o Príncipe ficou completamente apaixonado, a ponto de ser diagnosticado com a doença de “narizinho-arrebitadite”. E seguindo o conselho do Doutor Caramujo, resolve pedir-lhe em casamento:

Senhora!

A felicidade do Reino das águas Claras está nas suas mãos. Nosso Príncipe perdeu-se de amôres e só pode ser salvo se a menina o aceitar como espôso. Ou casa-se ou morre – diz o médico da corte. Quererá a menina salvar este Reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado Príncipe? (Assinado) Peixinhos do mar. (LOBATO, 1962, p. 100)

A menina recebe a carta de seu primo Pedrinho, que a encontrou dentro de uma conchinha à beira do rio, quando estava pescando. Após lê-la, ordena ao menino:

-Responda que sim, que aceito. Diga que estou ajudando Tia Nastácia a enrolar estas rosquinhas e logo que acabe irei casar com êle. Dona Benta, que ia passando, ouviu o final da frase. - Casar com quem, menina? Que história de casamento é essa? ... - Sim, vovó! Fui pedida em casamento e aceitei. Vou casar-me com o Príncipe Escamado. Tia Nastácia arregalou os olhos para Dona Benta, que por sua vez, tinha os olhos arregalados para a menina. Narizinho riu-se de tanto olho arregalado e continuou: De que é que se espantam? Se toda a gente se casa, por que eu não posso casar-me também? - Sim, minha filha - respondeu Dona Benta com pachorra. Todos se casam, não há dúvida. Eu me casei, sua mãe se casou, mas todos se casam com gente da sua igualha. É muito diverso disso de se casar com um peixe... - Dobre sua língua, vovó! Escamado é príncipe. Se se tratasse aí dum peixe vulgar de lagoa, vá que vovó falasse. Mas o meu noivo é um grande príncipe das águas! ... - Mas não é criatura da nossa espécie, menina. - E que tem isso? [...] Acho suas ideias muito atrasadas, vovó... (LOBATO, 1962, p. 102)

Vários pontos podem ser discutidos nessa passagem, o primeiro deles é a naturalidade com que a menina prontamente responde ao pedido de casamento. A boneca precisou ser convencida de que seu futuro esposo – um porco comilão - era um príncipe enfeitado, para só então casar-se. Tão logo descoberto o logro, ansiou pelo divórcio ou viuvez, conforme mencionado anteriormente. Outro ponto a ser destacado é a mudança no comportamento de Narizinho em relação a Dona Benta. Ela sequer hesita ao sair em defesa do noivo, frente o questionamento levantado pela avó acerca do seu casamento. Além de considerar os argumentos de Dona Benta como “ideias muito atrasadas”. Pode-se afirmar que não era algo comum nas histórias infantis da época, um personagem criança do gênero feminino, questionar dessa forma a autoridade de um adulto.

Também merece destaque nesta passagem, a reação de Dona Benta diante da atitude da neta: “Sim, minha filha - respondeu Dona Benta com *pachorra*”, (paciência). Se imaginarmos uma situação parecida, trazendo para o contexto da época, uma criança agisse da forma como a menina agiu com uma pessoa mais velha, possivelmente receberia alguma repreensão ou castigo. A atuação de independência de Narizinho frente ao seu casamento denota a preocupação de Lobato em enfatizar que a criança é uma fase da vida humana independente da fase adulta e que merece atenção especial, pois a criança é um ser portador de inteligência e anseios. Apesar disso, Lobato mantém as assimetrias de gênero quando determina o casamento como destino natural da mulher.

*Pedrinho e a representação do papel masculino*

O personagem de Pedrinho entra para história já depois de Narizinho ter se aventurado pelo Reino das Águas Claras e ter uma boneca que virou “gente”. Somos informados de que o menino vive na cidade junto com sua mãe, Antônica, que é filha de Dona Benta, sem nenhuma menção ao pai, reforçando a predominância do feminino enquanto presença dominante no núcleo familiar da obra. Chama atenção também o fato de Pedrinho estar em férias escolares, enquanto não há qualquer indício de que Narizinho frequente numa escola formal. O que nos leva a inferir que possivelmente ela estude em casa com a avó, já que, conforme visto anteriormente, Dona Benta é quem aparece “atuando” na função de professora. Fato que poderia demonstrar a pouca importância dada à educação feminina e, ao mesmo tempo, a divisão entre privado (feminino) e público (masculino).

Assim que recebe a notícia de que seu primo viria passar as férias no sítio, Narizinho fica bastante animada, afinal teria mais uma companhia para suas brincadeiras e aventuras. Cabe destaque o momento da chegada de Pedrinho e o diálogo que ocorre entre os primos:

Paque, paque, paque... Pedrinho apareceu na porteira, trotando no pangaré corado de sol e alegre como um passarinho. - Viva! – gritou a menina, correndo a lhe segurar a rédea. Apeie depressa, senhor doutor, que temos mil coisas a conversar! Pedrinho apeou-se, abraçou-a e não resistiu à tentação de ali mesmo abrir o pacote dos presentes para tirar o dela. - Adivinhe o que trouxe para você! – disse, escondendo atrás das costas um embrulho volumoso - Já sei – respondeu a menina incontinenti. Uma boneca que chora e abre e fecha os olhos. Pedrinho ficou desapontado, porque era justamente o que havia trazido. - Como adivinhou, Narizinho? A menina deu uma risada gostosa. - Grande coisa! Adivinhei porque conheço você. Fique sabendo, seu bobo, que as meninas são muito mais espertas que os meninos... - Mas não têm mais muque! Replicou ele com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza de seu bíceps, que a ginástica escolar havia desenvolvido. E concluiu: Com esse muque e a sua esperteza, Narizinho, quero ver quem pode com a nossa vida! (LOBATO, 1962, p. 50)

É interessante observar nessa passagem, a forma como o personagem é apresentado ao leitor, o que nos permite fazer uma comparação de gênero entre as duas crianças. Enquanto Narizinho é representada como uma menina que “sabe fazer bolinhos de polvilho bem gostosos”, já demonstrando certa habilidade quanto aos serviços domésticos, que conforme o pensamento da época, era essencialmente atribuições do universo feminino. Pedrinho aparece em cima de um cavalo, chegando de viagem sozinho, apresentando um ar de independência e liberdade, que também seriam características do universo masculino. Quando surpreendido pela esperteza da prima, o menino tenta rebater apelando para sua “força”. Este fato demonstra que Monteiro Lobato não rompe totalmente com as assimetrias de gênero, fruto da dominação masculina, apesar de atribuir certa independência aos

personagens infantis. Isto se confirma na preocupação dele em demarcar a importância do casamento tanto para Narizinho quanto para Emília.

Outro ponto importante a ser observado na apresentação de Pedrinho, é a ausência de uma descrição prévia mais detalhada sobre o seu personagem, como ocorre na apresentação de Narizinho. Só posteriormente é mencionada a sua idade “um menino de dez anos”. No decorrer da narrativa, podemos identificar o personagem como um menino forte e corajoso, que gosta de atividades ligadas à natureza, como caça e pesca, e que assim como a prima e sua inseparável boneca, também participa de todas as viagens pelo mundo do faz de conta. Ele também é criador do Visconde de Sabugosa<sup>8</sup>, feito inicialmente para atender ao plano de Narizinho em enganar Emília e casá-la com Rabinó, e transformado posteriormente num grande intelectual, representante do saber científico.

Com relação à estrutura familiar estabelecida no sítio, podemos constatar que o núcleo criado por Lobato destoa do modelo tradicional de família – pai, mãe e filhos – No entanto, a estruturação deste tipo de família estaria dissonante daquelas de classe média e alta, mas não dos estratos pobres e empobrecidos. Nestes, a família - em geral - era matrifocal, ou seja, as mulheres (mãe, avó, tia) eram responsáveis pela organização e manutenção da família e os homens ausentes. Analisando outro aspecto deste contexto, Frias Filho (2009) argumenta que:

Lobato eliminou qualquer relação de parentesco direto, seja no corte vertical ou horizontal. Essa providência decorre da percepção de que, esse tipo de parentesco gera obrigações, ao contrário da relação indireta, com avós tios e primos. Que gera direitos. Em idioma psicanalítico, o sítio é regido pelo princípio do prazer. (FRÍAS FILHO, 2009, p. 78)

De fato, as crianças do sítio, além de receberem atenção e afeto, gozavam de plena autonomia e liberdade no seio familiar. Suas vontades, sentimentos e opiniões, são quase sempre levadas em consideração. Uma realidade da qual nem todas as crianças brasileiras daquela época poderiam desfrutar.

---

<sup>8</sup> O personagem Visconde de Sabugosa recebeu esse nome por ter sido feito de um sabugo de milho, com enfeites e adereços colocados por Pedrinho, como óculos e uma cartola. Após se passar por um nobre e pai de Rabinó, para convencer a Boneca de que seu futuro noivo tinha de fato nascido na realeza, no decorrer da história num intelectual das ciências e das letras, graças às suas viagens e aos livros da estante de Dona Benta.

Ao pesquisar sobre a infância pobre na cidade de Salvador, entre os anos de 1900 a 1940, Rodrigues (1998) analisa que o surgimento de um sentimento de infância na capital baiana esteve diretamente ligado ao projeto de modernização do país, presentes nos discursos médico e jornalístico, direcionados principalmente às crianças pobres, em situação de rua e infratoras. Sendo estas alvos de intervenções do poder público, em que práticas assistencialistas e repressoras se entrecruzavam.

Se no sítio, as crianças de Lobato tinham o direito de brincar e adquirir conhecimento de maneira prazerosa, as crianças da vida real – especialmente das classes populares – viviam à margem da pretensa civilização. Conforme Rodrigues (1998):

Ao planejar uma cidade modelo almejavam-se ruas limpas de toda sujeira física e humana, nada de miséria exposta nem de crianças famintas a pedir esmolas. Nesse novo centro urbano não havia lugar para crianças e mulheres que, empurradas pela miséria e fome, faziam do espaço da rua um local de sobrevivência e lazer. (RODRIGUES, 1998, p 13)

Partindo desta análise, entendemos que embora houvesse o entendimento de uma particularidade da infância e de que a criança deveria ter um tratamento diferenciado dos adultos, as crianças pobres e suas famílias foram deliberadamente excluídas do projeto de uma nação, que aspirava civilização e modernidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Antes de se fazer as devidas considerações quanto ao desenvolvimento e resultados deste trabalho, cabe ressaltar a importância na escolha da temática e dos documentos que serão analisados em uma pesquisa científica, pois:

[...] à medida que os historiadores aprendem a analisar as representações de seus universos a partir de seus temas, inevitavelmente começam a refletir sobre a natureza de seus próprios esforços para representar a história; afinal, a prática da história é um processo de criação de texto e de “ver”, ou seja, de dar forma aos temas. [...] (HUNT, 2006, p. 27)



Neste artigo, buscou-se fazer algumas reflexões acerca de concepções e representações de um ideal de infância, engendradas no texto literário de Monteiro Lobato, E de que forma esse cenário pôde ser refletido na produção literária do autor. Além disso, também foi possível analisar as ambiguidades do escritor e o impacto que a questão racial teve na obra Lobatiana, dada as representações de personagens negros, principalmente centrados em Tia Nastácia.

Ao longo deste trabalho, vimos como as formas de conceber a infância, mais precisamente na transição do século XIX até as primeiras décadas do século XX, foram sendo construídas e ressignificadas por determinados grupos da sociedade, bem como pelas múltiplas vivências das crianças, definidas pelos diferentes lugares de pertencimentos sociais, econômicos, étnicos, de gênero, etc. Portanto, a análise desta obra específica de Monteiro Lobato foi pautada pela tentativa de encontrar nas histórias protagonizadas pelos personagens infantis - para além do mundo da fantasia – algumas dessas variáveis supracitadas, e se essas representações estiveram em consonância ou disparidade com a época.

Para percorrer este caminho, fez-se necessário seguir os registros produzidos sobre e por Lobato, no que concerne a sua vida e obra, que por vezes pareciam ser uma coisa só. Destaca-se aqui a riqueza de informações que se podem encontrar em uma carta, que nos permitiu compreender determinados aspectos da sociedade brasileira no período apreendido, tais como; a situação política, econômica e cultural do país. E de que forma esse cenário pôde ser refletido na produção literária do autor.

Analisar parte dessa biografia pessoal do escritor, que conforme já dito, mescla-se com a sua trajetória literária, foi imprescindível para tentar compreender sua guinada ao público infantil, o estilo empregado dentro dessa narrativa e, principalmente, a infância por ele representada. Nesse sentido, na trama de *Reinações de Narizinho*, cujo lugar de ação era o encantado Sítio do Pica-pau amarelo, as crianças representadas por Narizinho, Emília e Pedrinho, revelam a visão de Monteiro Lobato sobre como a infância deveria ser, uma fase independente da fase adulta e indivíduos capazes de pensar criticamente. Ao se fazer uma comparação com a realidade das crianças reais no Brasil das décadas de 1920 e 1930 analisou-se – através de um diálogo com uma bibliografia especializada - o cotidiano difícil e complexo dos personagens infantis, as relações interpessoais e suas formas de ver o mundo.

No que foi possível constatar, através dos temas abordados na obra, é que havia uma relação ambígua de proximidade e distanciamento com o mundo real. Proximidade no que se

refere às diferenças de gênero, pela forma como foi apresentado ao leitor os personagens femininos e masculinos, e nas experiências individuais vividas por estes. Distanciamento quanto á valorização da criança, enquanto um ser, que embora se espelhe nos exemplos dos adultos, é também dotado de inteligência, personalidade e opinião própria. Bem como no tratamento dos adultos para com as crianças.

Consideramos que a temática aqui analisada seja de extrema relevância social e acadêmica, tendo em vista que os olhares e conceitos elaborados sobre a infância estiveram em constante mudança ao longo dos séculos, em diferentes sociedades, e que ainda se fazem presentes na atualidade. E como o tema está longe de ser esgotado, deixamos como possibilidade de pesquisa futura, o debate acerca da infância pobre, ainda fazendo uso da produção literária enquanto fonte, por compreender que se trata de um rico documento a ser explorado.

#### **LISTA DE FONTES:**

AZEVEDO, Carmem Lúcia de, CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende, SACHETTA, Vladimir. (Orgs.) **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

LOBATO, J. B. M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.

\_\_\_\_\_, *A barca de Gleyre*. São Paulo: Editora Globo, 2010.

\_\_\_\_\_, *Memórias de Emília*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_, *Urupês*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ALENCASTRO, Luiz Felipe. “**Vida privada e ordem privada no Império**”. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenação de Fernando A. Novais, organização do volume de Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981

BENJAMIN, Walter. **“História cultural do brinquedo”**. In: Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari, Ed. Sumus, São Paulo, 1984.

BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. A composição do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato: Consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa. 2005. 285 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103683>  
Acessado: 11 jul. 2018.

CHARTIER, Roger. **História cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Ed. Didel, Coleção memória e Sociedade. 1987, p.17.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Salvador das Mulheres: Condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita**. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Luis R. B. Mott. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- UFBA. Salvador, 1994. Disponível:[https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1994.ferreira\\_alberto\\_heraclito\\_salvador\\_das\\_mulheres\\_condicao\\_feminina\\_e\\_cotidiano\\_popular\\_na\\_belle\\_epoque\\_imperfeita.pdf](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1994.ferreira_alberto_heraclito_salvador_das_mulheres_condicao_feminina_e_cotidiano_popular_na_belle_epoque_imperfeita.pdf). Acessado: 10 jul. 2018.

FRIAS FILHO, Otávio. **Rememórias de Emília**. In: Seleção natural: ensaios de cultura e política. São Paulo: Publifolha, 2009.

FARIA, Sonimar C. de. **História e política da educação infantil**. In: FAZOLO, Eliane, CARVALHO, Maria C. M. P. de, LEITE, Maria Isabel & KRAMER, Sônia. Educação Infantil em curso. Rio de Janeiro: Ravel, p. 9-37, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 2 tomos, 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites**. In: LOPES, Alberto, FARIA FILHO, Luciano. FERNANDES, Rogério. (Orgs.) *Para a compreensão histórica da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. *A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim*. In: LOPES, Eliane Marta T. [et. al]. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp,

Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Negros e Negras em Monteiro Lobato**. In: GOUVÊA, Maria Cristina S. LOPES, Eliane Marta T. (Orgs.) *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. pp 65- 66.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças/ Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global Universitária, 1988.

\_\_\_\_\_, *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1991.

PENTEADO, José. Roberto W. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Dunya Editora, 1997, pp 209-275.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. **A infância esquecida, Salvador (1900-1940)**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Profa. Lígia Bellini. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-UFBA. Salvador, 1998.

SANDRONI, Laura Constância. O nacionalismo na literatura infantil no início do século XX. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Elisângela Santos da. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

VELOSO. Ana Carolina Siqueira. **Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Profa Márcia Cabral Silva. Centro de Educação e Humanidades Faculdade de Educação. UERJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: [http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/2011\\_1-774-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2011_1-774-ME.pdf). Acessado em: 17 abr. 2008.

ZILBERMAN, Regina. **O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil**. In: KHÉDE, Sônia S. (Org.) *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.



